

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM ACTIVIDADES DE FÉRIAS



● *Aju/79 complementam actividade curricular*

Estudantes da Universidade Eduardo Mondlane encontram-se neste momento a trabalhar em todas as províncias do País, no âmbito das Actividades de Julho (AJU).

Criadas com o objectivo de levar a UEM a um contacto directo com a realidade políticas, económicas e sociais do País, este ano as AJU foram organizadas em novos moldes e de forma a adquirirem um carácter de complementaridade em relação à actividade curricular no sentido de conduzir também ao reforço da formação do conhecimento científico dos estudantes.

Em anos anteriores o objectivo das AJU foi mais o de levar os estudantes a um contacto com os trabalhadores, nos diversos locais de produção, tendo a sua organização, em muitos casos, ficado sujeita aos pedidos de apoio feitos por estruturas exteriores à Universidade. Está neste caso o apoio prestado às Aldeias Comunitárias e às vítimas das cheias, entre outras actividades.

Porém, em 1978, em Reunião Geral de Militantes foram definidos novos objectivos para as AJU, que viriam a ser reforçados com a realização da Reunião Geral da UEM, em que apareceram já projectos de investigação bem definidos. Daí, a importância que as AJU hoje adquiriram em relação às Faculdades, que apresentaram propostas de trabalho concreto, de acordo com os cursos.

Desta forma, para além dos objectivos iniciais que presidiram à sua criação, as AJU atingem este ano um outro que é o de contribuirem mais eficazmente para a formação dos estudantes ao inserirem-se na actividade curricular.

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM TODAS AS PROVÍNCIAS

Em todas as províncias do País se encontram entre 16 de Julho e 12 de Agosto brigadas de estudantes a desenvolverem as suas actividades, no âmbito das AJU. A média é de duas/três brigadas por Província, embora a de Maputo tenha absorvido cerca de 70 por cento dos aproximadamente

900 estudantes e 100 professores que se encontram a enriquecer os seus conhecimentos através de uma tomada de contacto directa com as realidades do País.

O restante da população escolar encontra-se empenhada em outras tarefas, a nível da própria Universidade, como é o caso de parte dos funcionários que estão empenhados em organizar os seus sectores de trabalho.

Além do apoio prestado pelas brigadas a diversos sectores produtivos, de referir também o prestado ao sector do Ensino, nomeadamente o que se refere à Campanha Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos e na feitura de Programas e Manuais da 10.ª e 11.ª classes.

Ainda a nível de Maputo, encontram-se brigadas a trabalhar nas Oficinas Gerais dos Caminhos de Ferro, Sogere, Química-Geral, Companhia de Cimentos, Tudor e outras unidades de Produção, assim como na Direcção Nacional do Plano.

No que se refere aos estudantes de Direito, eles foram destacados para todas as províncias para prestarem apoio à implementação dos Tribunais Populares a nível de província, distrito e localidade.

PLANO DE ACTIVIDADES

Além das actividades já referidas, muitas outras brigadas se encontram a desenvolver trabalhos muito concretos de acordo com as propostas feitas pelas respectivas Faculdades e segundo o objectivo já apontado que é o de contribuir para a formação dos estudantes.

Assim, pode referir-se que estudantes de História se encontram em Cabo Delgado e Niassa a procederem à recolha de dados sobre a resistência à invasão e à penetração colonial e capitalista. Outras brigadas da mesma Fa-

culdade encontram-se a trabalhar no Arquivo Histórico e na feitura de manuais e programas de ensino.

Brigadas de Engenharia Civil encontram-se a trabalhar em Vila Fontes e no Gabinete do Limpopo, enquanto outras de Engenharia Mecânica estão divididas pelos diferentes sectores das Oficinas Gerais dos CFM, em Maputo.

As brigadas que se encontram a actuar na Companhia de Cimentos, Química-Geral, Sogere e Tudor são de Engenharia Química. Ainda na Tudor, encontra-se igualmente uma brigada da Faculdade de Química.

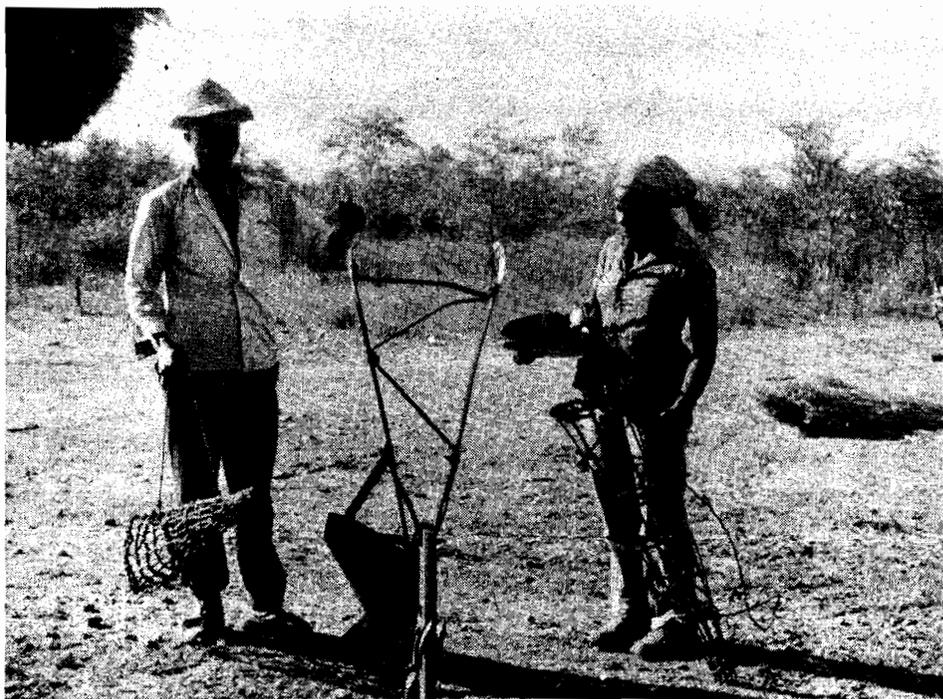
Estudantes desta última Faculdade encontram-se também a dar a sua colaboração à Direcção de Geologia e Minas, fazendo prospecções em Nampula e Niassa, e ainda no Laboratório de Rádio-isótopos do Hospital Central de Maputo.

Outra acção de grande importância, é o trabalho que está a

ser desenvolvido por uma brigada da Faculdade de Geologia, que procede ao estudo do projecto de abastecimento de água à cidade de Pemba. Brigadas da mesma Faculdade, em colaboração com a Geomoc, encontram-se também a proceder a pesquisas de velhas captações de água e a prospecções e captações nas zonas de Polana-Caniço, Congolote, Mahotas e Maputo, e à sistematização de águas no Sul do Rio Save.

No que se refere aos estudantes de Letras Modernas, além das brigadas que se encontram a dar apoio à Comissão Nacional de Alfabetização, outras trabalham no projecto de investigação de comunicação social nas Aldeias Comunitárias, em ligação com o Gabinete de Estudos do Ministério da Informação, e no desenvolvimento lexical das línguas nacionais, na Zambézia e em Manica.

Brigadas de estudantes de Medicina estão a actuar em Maputo, em ligação com o Ministério da Saúde, num trabalho de avaliação do estado nutricional em



Em anos anteriores o objectivo das AJU foi o de levar os estudantes a um contacto com as realidades políticas, económicas e sociais do País. Este ano, foram organizadas em novos moldes e integram-se na actividade curricular

escolas, creches e centros-infantários e outras na implementação de programas sanitários nas escolas da mesma província. Em Gaza, encontram-se a proceder à avaliação das taxas de infecção de bilharziose e paludismo, enquanto em Inhambane o seu trabalho consiste na recolha de valores de tensão arterial em populações de zonas rurais.

Por último, brigadas de estudantes de Veterinária participam em campanhas de vacinação de gado em Gaza e Maputo, na formação de monitores do curso de tripanossomíases, no Centro Experimental de Mualiza, e em trabalhos nas unidades leiteiras estatais de Changalane.

ENFRENTAR A PRÁTICA

Entre estar sentado a tirar um curso numa das Faculdades da nossa Universidade para se ser um dia quadro técnico e superior, e ir ao trabalho prático que obriga a estar de pé, a sujar as mãos com óleo, e que cansa fisicamente, vai uma grande distância. É esta distância que as Actividades de Julho da Universidade Eduardo Mondlane, encurtam ao nosso estudante universitário.

De olhar atento, um experiente operário da oficina-diesel dos Caminhos de Ferro em Maputo, dirige um grupo de cinco estudantes. Estes, «abraçados» a um motor diesel vão trabalhando de acordo com as observações feitas pelo operário, trocam breves palavras entre si para confirmar se a fase de desmontagem em que se encontra o motor está a ir bem, perguntam também ao seu chefe de equipa onde devem colocar as peças, como devem limpar os orifícios donde eles as estão a extrair.

São universitários nas suas Actividades de Julho. Dez estudantes divididos em dois grupos de cinco cada, correspondendo a estudantes-trabalhadores ou a estudantes em tempo inteiro. O palco das suas actividades durante seis dias foi a oficina-diesel dos Caminhos de Ferro.

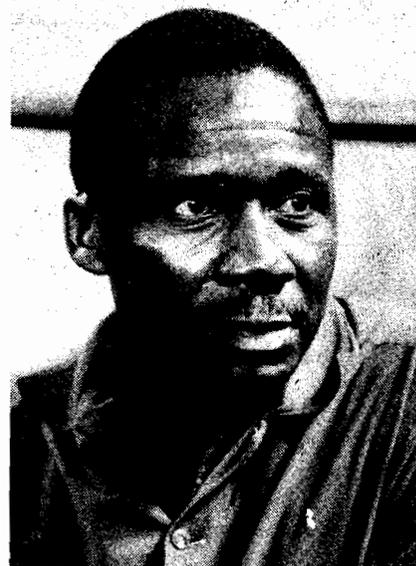
Quando ali estivemos era o seu terceiro dia de trabalho prático e não nos foi fácil identificá-los pelo seu aspecto, com estudantes que passam uma boa parte da sua vida olhando o quadro-negro sentados a tomar apontamentos em secretárias, com o respectivo professor pela frente. Nas oficinas gerais havia também professor, um operário que dirigia a equipa. O quadro-negro estava substituído por um motor que carregara de óleo as mãos dos alunos, e não havia secretárias nem cadeiras.

Para estes estudantes, dizia-nos o engenheiro moçambicano vindo da Universidade há apenas três anos e que agora dirige aquela oficina-diesel, foram arranjadas tarefas para que «os estudantes tivessem noção do que é a manutenção». Luís Filipe, ele próprio que esteve envolvido nas Actividades de Julho há relativamente pouco tempo, esclarece-nos ainda que este trabalho dos estudantes «não é um estágio, porque ele não pode ser feito num mês».

Estes dois grupos de estudantes são da Engenharia Mecânica e todos eles estão no 2.º ano do seu curso. De acordo com o plano elaborado pela direcção da oficina juntamente com a Faculdade de Mecânica os estudantes acima referidos ficarão seis dias desmontando um motor a diesel, outros seis dias na secção de fundição, igual tempo na secção de vapor e finalmente passarão pelas secções de soldagem e ferraria.

DIRIGIDOS POR UM OPERÁRIO

É o estudante-trabalhador Maconha que nos explica, fazendo uma pequena pausa ao seu trabalho, como estão organizados. «Temos um operário qualificado conosco que nos dá uma explicação de peça a peça. É aqui que tiramos as nossas dúvidas teóricas». A tarefa em que Maconha está envolvi-



Enosse Quiptço, funcionário dos Caminhos de Ferro, pai de cinco filhos e actualmente no 2.º ano de Engenharia Mecânica. O trabalhador passou a ter acesso à Universidade

do é de desmontar um motor para lhe limpar a cabeça. Trata-se, conforme nos explica imediatamente, de um motor de uma automotora ao qual eles estão a fazer a manutenção.

Neste trabalho prático os estudantes universitários fogem portanto a todo o método do ensino normal da escola burguesa ou para tomar termos de comparação sensíveis, a todos os métodos utilizados pela universidade colonial. Durante este mês de actividades práticas o estudante é obrigado a confrontar a realidade e a preparar-se para ser um técnico que não dita ordens que conhece dos livros, mas orientações que lhe vêm de um trabalho prático.

Por isto, logo ao início da nossa conversa com o primeiro grupo de estudantes de mecânica, eles colocaram-nos a importância do que estão a realizar em conjunto com um operário. «Eles» — dizia um dos estudantes referindo-se ao operário que o dirigia — têm conhecimentos vindos da experiência, e de terem desmontado muitos motores. Desta maneira, estão aptos a ensinarem-nos e à altura de nos sabermos transmitir a sua experiência».

Seguindo o método de que é a Universidade que deve ir aos centros de produção e não estes à Uni-

versidade, as Actividades de Julho levam a cabo uma missão política de extrema importância para a formação dos futuros quadros.

Na verdade, caso um destes operários que vimos na oficina-diesel a dirigir os estudantes fosse à Universidade para dar uma palestra sobre como se desmonta um motor, ele não conseguiria naturalmente articular duas palavras. Porém no seu ambiente, face ao que ele realiza dia-a-dia as coisas tornam-se diferentes e ele exerce verdadeiras funções de professor, dando ao mesmo tempo a consciência ao estudante futuro quadro técnico, do valor da produção material, do valor que tem o operário dentro da sociedade e do valor que tem a prática.

Marcos Bopane Uqueio, um dos operários que dirigia o grupo de estudantes em tempo inteiro dizia-nos por seu lado que «sendo estudantes têm alguma coisa a nos transmitir e sempre adquirimos conhecimentos através deles». No entanto, esta observação tornou-se para nós, através das conversas que ali mantivemos, muito mais significativa para o lado dos estudantes que para o lado do operário. Na verdade, e de acordo com o que nos afirmou o próprio Marcos Uqueio, aquilo que os estudantes lhe transmitiam (e é preciso tomar em conta que eles apenas têm dois anos da faculdade) tratavam-se de confirmações aos seus conhecimentos

práticos, beneficiando ele muito mais com as opiniões dos estudantes sobre «as relações humanas, e sobre a organização do trabalho e do trabalhador».

A este respeito por exemplo é de salientar o que nos disse o estudante Maconha a respeito do motor que ele desmontava. Na verdade ele e os seus colegas de faculdade desconheciam que existissem motores a diesel a dois tempos com válvulas e por outro lado desconheciam que para lhe fazer a montagem e desmontagem com a respectiva manutenção, seriam necessários pelo menos 20 dias.

QUE ESTUDANTES

Nas Oficinas-Gerais dos Caminhos de Ferro encontram-se ao todo cerca de sessenta estudantes das Faculdades de Mecânica e Electrotécnica. Destes, 48 são de mecânica havendo entre eles estudantes-trabalhadores.

É em relação aos estudantes trabalhadores que se faz notar igualmente uma nova face que vai ganhando a Universidade Eduardo Mondlane. Encontramos Maconha que trabalha na Sociedade Agrícola de Tabacos como responsável da manutenção, embora com a profissão de torneiro mecânico. Com 28 anos ele está no 2.º ano de Eng. Mecânica tendo entrado para a Faculdade em 1977 através do curso propedêutico. Outro caso que ano-

tamos é o de Francisco Adelino Tomás, trabalhador dos serviços meteorológicos e ainda o de Enosse Quipiço, um funcionário dos Caminhos de Ferro com 36 anos e pai de cinco filhos.

O número destes estudantes que era praticamente inexistente durante o tempo colonial veio a aumentar muito após a Independência. Hoje é quase vulgar encontrar-se um destes estudantes nas Faculdades da Eduardo Mondlane e na realidade eles mostram também uma nova faceta que a Universidade adquiriu. Mesmo entre os estudantes em tempo inteiro é também normal encontrar-se o estudante cujos pais são operários, ou então que pertenciam às camadas mais pobres da sociedade colonial.

O caso de Enosse Quipiço, que começou a estudar em 1950 para concluir a 4.ª classe rudimentar em 1957 é um exemplo. A sua vida foi sempre a de estudante trabalhador muito mal pago, discriminado mesmo. Em 1959 ele trabalhava numa empresa como dactilógrafo, a Pinturas Eliscu, ganhando um salário de 550 escudos! Mais tarde ele, que nunca deixou de estudar, mas cuja vida de estudante se tornava difícil pôde já (e só) em 1976 ter acesso à Universidade, fazendo o curso propedêutico. Hoje Quipiço continua a ser funcionário dos Caminhos de Ferro, embora dentro de quatro a cinco anos, tenha necessariamente de mudar de tarefa — desta vez para a de um quadro técnico deste importante sector dos transportes do país.

É claro que mesmo para estes estudantes as actividades de Julho se tornam importantes e imprescindíveis. Em jeito de piada contava-nos um dos estudantes em tempo inteiro que as AJU só lhe tinham trazido um inconveniente, mas ao mesmo tempo um ensinamento: «estamos habituados a ficar muito tempo sentados e aqui o trabalho é sempre em pé. Nos primeiros dias saíamos rebentados, mas agora a coisa já começa a ser diferente porque nos habituámos».

Texto de Luís David
& Alves Gomes

Fotos de Danilo Guimarães
e Arquivo das AJU



Estudantes trabalhadores em fase de desmontagem de um motor-diesel a dois tempos. O operário explica-lhes a função de cada peça